

## **Paternidades Trans: Uma análise etnográfica das experiências parentais de um homem trans em Salvador**

Anne Alencar Monteiro<sup>1</sup>  
Cecilia Anne McCallum<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta a paternidade transmasculina a partir da análise do caso de Tiago, um homem trans, e sua família na cidade de Salvador, Bahia, a partir da noção antropológica de relacionalidade (*relatedness*). O trabalho enfoca a construção de relações de parentesco como processuais, emergentes durante a trajetória biográfica de Tiago em que ocorre a transição de gênero. Para isso, examina como são negociados os sentidos de paternidade e maternidade a partir de uma gestação anterior à transição de gênero; os processos que envolvem a escolha de um parente como doador para a realização de inseminação caseira; e a construção de relações parentais fora do terreno “biológico”. A análise destaca as nuances das experiências de paternidade vivenciadas por Tiago e sua família ao longo do tempo, incluindo os desafios e as estratégias adotadas para enfrentá-los em um contexto de transição de gênero. Assim, as relações, sejam elas “biológicas” ou não, estão sempre sendo criadas e não são dadas a priori, e o caso de Tiago é exemplar disso.

**Palavras-chave:** Paternidade trans. Homem trans. Parentesco. Antropologia.

---

<sup>1</sup> Doutoranda e mestre em Antropologia, licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em gênero, diversidade e direitos humanos pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Email: alencar.anne@gmail.com.

<sup>2</sup> PhD London School of Economics and Political Science, em Social Anthropology. Professora Associada do Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Email: cecilia@ufba.br

Em um domingo nublado do mês de maio, no ano de 2022, eu estava participando do Piquenique de Todas as Famílias no Dique do Tororó, um local de lazer próximo ao centro da cidade de Salvador/BA, organizado por diferentes coletivos ativistas de famílias e familiares de pessoas LGBTQIA+ para celebrar o Dia Internacional da Família e o Dia Internacional de Combate à LGBTfobia. Assim que cheguei, avistei de longe bolas coloridas penduradas nas árvores, imitando as cores do arco-íris. Me aproximei de um grupo que se formava em volta das comidas arrumadas sobre panos e cangas na grama. Enquanto estava lá, conversando com algumas pessoas, Carla<sup>3</sup>, uma das fundadoras do coletivo Mães do Arco-íris<sup>4</sup>, me chamou num canto e disse: “Venha aqui conhecer Tiago, ele é um homem trans e tem um filho. Explique aí sua pesquisa para ele, eu já falei por cima”. Me identifiquei como antropóloga e comecei a conversar com Tiago e sua família.

Ele me apresentou sua esposa Mariana e o pequeno Miguel, de apenas um ano, filho do casal. Tiago e Mariana possuem 25 e 29 anos, respectivamente, e ambos são negros<sup>5</sup>. Eles residiam em um bairro periférico da cidade de Salvador. Para sustentar a família, ambos vendiam cuscuz de tapioca na própria comunidade onde moravam. Contudo, a vida não era fácil para eles, especialmente quando se tratava de encontrar um trabalho que pudesse fornecer um sustento melhor para a família. Foi, então, que Tiago decidiu mudar-se para São Paulo em busca de um emprego que lhe garantisse um maior retorno financeiro. No começo, Mariana e Miguel ficaram em Salvador enquanto Tiago tentava a sorte na “cidade grande”. Com o tempo, Mariana se juntou a ele em São Paulo, mas não conseguiu um bom emprego, o que a forçou a retornar para Salvador. Apesar da distância geográfica, Tiago se mantém participativo na vida de Miguel. Ele

---

<sup>3</sup> Por questões éticas, optamos por utilizar nomes fictícios.

<sup>4</sup> “Mães do arco-íris” é um coletivo ativista formado majoritariamente por mães cisgêneras de filhos LGBTQIA+, que atua na cidade de Salvador/BA desenvolvendo projetos e ações de acolhimento e amparo para essa população.

<sup>5</sup> Raça autodeclarada.

liga para casa todos os dias e faz o possível para estar sempre presente, mesmo que distante.

No primeiro dia que nos encontramos, nós começamos a conversar e, ao mesmo tempo, interagimos com o bebê, que estava um pouco agitado no colo de Mariana. Ela me explicou a situação: *“Isso aqui é porque ele quer ir para o colo de Tiago, ele é muito apegado ao pai”*. Ouvindo isso, Tiago pegou a criança no colo e Miguel prontamente se acalmou, parando de choramingar. Mariana completou: *“Está vendo? Ele é um grude com esse pai, nem liga muito para mim, que sou a mãe. Ele só me procura quando está com fome e vem atrás do peito para mamar”*. Nesse momento, a nossa conversa é interrompida pela agitação de Miguel. Tiago, rapidamente, coloca-o no chão e o pequeno corre desordenadamente. Tiago vai atrás dele, deixando apenas eu e Mariana ali, trocando olhares preocupados. Aproveitando a pausa, decido observar mais a dinâmica daquela família. Curiosa, pergunto a Mariana se foi ela quem gestou o bebê. Ela responde tranquilamente: *“foi sim, foi inseminação”*. Intrigada, continuo questionando: *“inseminação? Como assim?”*. Com calma, Mariana explica que foi uma *“inseminação caseira<sup>6</sup>, utilizando uma seringa em casa”*. Antes que pudéssemos aprofundar o assunto, Miguel passa correndo por nós em direção à água do dique. Percebemos que Tiago estava um pouco afastado e, sem pensar duas vezes, eu e Mariana saímos correndo atrás do bebê, preocupadas com sua segurança.

A continuação e o aprofundamento dessa conversa com Mariana e Tiago só foi possível nos encontros seguintes e nas entrevistas que foram conduzidas com cada um deles. Conforme fui me aproximando dessa família, percebi que as relações entre eles e a paternidade de Miguel eram muito mais complexas do que uma simples *“inseminação caseira”*. Na verdade, eles haviam planejado uma inseminação caseira, tendo como

---

<sup>6</sup> A inseminação caseira ou autônoma é um método de concepção que ocorre fora de uma clínica de reprodução assistida, comumente realizado em casa. Esse método consiste na introdução de esperma geralmente utilizando uma seringa ou dispositivo similar, com o objetivo de fertilizar um óvulo e estabelecer uma gravidez.

doador o pai adotivo de Tiago. No entanto, a tentativa não foi bem-sucedida e, durante esse período, o pai de Tiago faleceu de forma repentina, deixando-o profundamente abalado.

A morte do pai de Tiago teve um impacto significativo em seu relacionamento com Mariana. Eles se separaram por um tempo e Mariana acabou se envolvendo sexualmente com um rapaz cisgênero<sup>7</sup>, resultando na gravidez. Diante dessa situação, Tiago decidiu assumir a paternidade de Miguel. Entretanto, essa trama familiar se torna ainda mais complexa com a revelação de que Tiago tem uma filha de 8 anos que foi gestada por ele e que é fruto de um relacionamento anterior à transição de gênero<sup>8</sup>, o que permite a Tiago experienciar diferentes processos de paternidade. Esses elementos entrelaçados tornam a história dessa família repleta de nuances e desafios, que serão detalhados ao longo deste texto.

Durante a pesquisa de campo, foi observado que essas pessoas, diante de seus desejos e desafios, conseguem inventar soluções criativas para estabelecer ou recriar relações de parentesco, tornando-as dinâmicas e complexas. Ao focar em uma única trajetória, esse artigo analisa a criação da relacionalidade que envolve as relações de gênero e parentesco (dessa forma, não será priorizado os processos psicológicos dos indivíduos). O texto trata do emaranhado de relações que esse homem trans<sup>9</sup> estabeleceu

---

<sup>7</sup> Cisgênero ou simplesmente “cis” refere-se as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. Essa categoria é empregada para fazer referência as pessoas que não são trans e é utilizada para se opor a termos como mulher/homem verdadeiros ou naturais (JESUS, 2012).

<sup>8</sup> A Transição de gênero é uma expressão êmica utilizada para se referir aos processos pelos quais as pessoas trans costumam vivenciar em termos de gênero. Esse processo pode estar acompanhando por diferentes formas de transformações corporais, comportamentais e legais. Essa transição não é linear e nem homogênea, possui muitas nuances, caracterizando-se como um percurso complexo que tem como ponto principal a autoidentificação. No caso dos homens trans e pessoas transmasculinas esse processo pode incluir desde a utilização de roupas e acessórios considerados masculinos até as intervenções cirúrgicas e hormonais (ALMEIDA, 2012; ÁVILA, 2014).

<sup>9</sup> A categoria “homem trans” é utilizada aqui como um termo “guarda-chuva” para se referir as pessoas que foram inicialmente consideradas como “mulheres” ao nascer a partir da observação de suas genitálias, mas que no curso de sua constituição como sujeitos, se opuseram a essa determinação e se auto identificam enquanto homens. Tal experiência se caracteriza por uma diversidade de termos como: trans homem, transman, FTM (sigla derivada do inglês *female-to-male*), transexual masculino, homem transexual e pessoa transmasculina (ALMEIDA, 2012; ÁVILA, 2014).

em sua busca pela paternidade. Ao analisar a experiência de inseminação caseira, da gestação antes da transição e de assumir a paternidade de um filho não biológico, conforme revelados pelos interlocutores durante as entrevistas, será destacado os modos como os sentidos de paternidade e maternidade são (re)negociados a medida em que a transgeneridade ganha centralidade nas relações. Com essa análise será demonstrado que a paternidade, biológica ou não, não é predefinida, mas sim construída e modificada diariamente, em que as relações de apoio e ajuda mútua entre parentes ganham importância destacada na criação de filhos. As relações de parentesco, portanto, não são dadas, são sempre construídas ao longo do tempo.

Para tal, primeiramente será definido o que estamos chamando de transparentalidade a partir de um diálogo com o campo dos estudos sobre homoparentalidades. Em seguida será explorada a trajetória parental de Tiago. Inicialmente será demonstrado como a relacionalidade constitui o processo intersubjetivo de transição de gênero, para então explorar os motivos que levaram Tiago a escolher seu pai como doador para a inseminação caseira. Assim, observamos como o *sangue* e o *sêmen* são mobilizados estrategicamente como vetores de parentesco, englobando a *biologia* como parte do processo de construção de novas relações. Por fim, será analisado os diferentes sentidos de paternidade que Tiago articula na relação com seus dois filhos, destacando aspectos ligados a conjugalidade, a casa e a gestação.

Este trabalho se inspira naquilo que ficou conhecido na antropologia como estudos do novo parentesco e da noção de relacionalidade (*relatedness*), desenvolvidos a partir do trabalho de antropólogas que dialogavam com o feminismo e das críticas feitas por Schneider (2016). Essas críticas, funcionaram como uma virada em relação ao modo como o tema vinha sendo abordado<sup>10</sup>. Ao argumentar que “o parentesco não é uma teoria sobre a biologia, mas a biologia serve para formular uma teoria sobre o parentesco” (SCHNEIDER, 2016, p. 127), Schneider demonstrou que a distinção entre

---

<sup>10</sup> Para mais detalhes ver Carsten (2004), Fonseca (2003, 2007) e Bamford (2019).

parentesco social e biológico é resultado de concepções culturais específicas (particularmente euro-americanas). As antropólogas feministas haviam iniciado também um movimento de questionar a base natural que as relações sociais pareciam se apoiar e refutavam o essencialismo presente nos discursos biológicos (FRANKLIN, 2019). O trabalho de Schneider tornou-se inspirador para o argumento feminista o que resultou numa espécie de coalização estratégica de ideias entre os campos de gênero e parentesco (FONSECA, 2003, 2007). Essa nova perspectiva acarretou na mudança de vocabulário com a introdução da noção de *relatedness* ou relacionalidade (CARSTEN, 2000; 2004). A utilização desse termo, em oposição ou ao lado de parentesco, permite suspender um conjunto de suposições arbitrárias entre o biológico e o cultural. Permite, também, analisar formas distintas de estar relacionado sem reduzi-las aos termos de um suposto parentesco biológico (CARSTEN, 2000). É nesse contexto analítico que se insere o escopo teórico/etnográfico<sup>11</sup> do presente artigo.

Reconsiderar o que é biologia não tem sido uma tarefa fácil na antropologia, especialmente quando vemos surgir do campo discursos ou ações que parecem reforça-la. Contudo, reduzir esses discursos e ações a um essencialismo biológico exclui o poder imaginativo e criativo que as pessoas têm de tecer novas relações e se movimentar dentro da complexa teia que chamam de parentesco. Assim, essa questão será abordada aqui a partir do modo como Tiago e sua família criam suas relações, observando como tais conexões não são dadas, mas são cotidianamente feitas e desfeitas

---

<sup>11</sup> Os dados etnográficos que fundamentam este artigo são provenientes de uma pesquisa de doutorado mais ampla, cujo objetivo central é analisar a relacionalidade produzida nas experiências cotidianas de homens trans e pessoas transmasculinas junto a sua rede de parentes e afins. A etnografia com Tiago e sua família foi desenvolvida ao longo dos anos de 2022 e 2023. Contou com a observação participante nos espaços de convivência dessa família; entrevistas semiestruturadas em profundidade e conversas informais por meio de aplicativos de celular. Entendemos como pesquisa etnográfica o empreendimento teórico e metodológico que visa produzir conhecimento através do contato e do convívio intersubjetivo entre o pesquisador/pesquisadora e seus interlocutores, assim seguimos o mesmo entendimento de que a etnografia é uma “teoria vivida” ou “teoria em ação” no sentido atribuído por Peirano (2008).

a medida em que o biológico ganha significados particulares na construção da relacionalidade.

Assim, a noção de relacionalidade permite compreender o parentesco de maneira mais ampla, o que possibilita a incorporação de diferentes temas como, por exemplo, a adoção, a homoparentalidade e o uso de tecnologias reprodutivas (FONSECA, 2003; PISCITELLI, 1998). Entretanto, vale ressaltar, que essa literatura do “novo parentesco”, embora traga questões de grande relevância, não traz reflexões a partir das transgeneridades. Quando se trata de pessoas LGBTQIA+ esses estudos tendem a focar mais nos relacionamentos estabelecidos por casais e famílias de lésbicas e gays cisgêneros, por isso utilizamos a expressão “transparentalidade” para definir as parentalidades trans.

### **Transparentalidades: um campo em emergência**

As pesquisas sobre parentesco e transgeneridade apontam a necessidade da utilização da expressão “parentalidades trans” ou “transparentalidades” como forma de marcar a particularidade dessas relações, diferenciando-a, principalmente, da homoparentalidade<sup>12</sup>, uma vez que a homoparentalidade definida como a configuração familiar formada por “casais do mesmo sexo”, é insuficiente quando se trata de pessoas trans, pois como salienta Zambrano (2006, p. 128):

Travestis e transexuais apresentam especificidades em sua construção identitária e, conseqüentemente, na sua relação de parentalidade. [...] As travestis e transexuais se consideram “mulheres” e mantêm relações sexuais com homens, percebidas por elas como heterossexuais e não homossexuais.

---

<sup>12</sup> A temática da homoparentalidade ganhou destaque no Brasil no início dos anos 2000 a partir do movimento político e da veiculação midiática em torno da “adoção e casamento gay”, popularizada como homoparentalidade (TARNOVSKI, 2002). As pesquisas nessa área se consolidaram a partir de diversas questões como a da conjugalidade e da parentalidade entre gays e lésbicas, destacando assuntos ligados a adoção individual ou dupla filiação; famílias monoparentais; novas tecnologias reprodutivas e seus impactos na organização familiar (GROSSI, 2003).

Da mesma forma, quando constroem uma relação de parentalidade, na maioria das vezes, o fazem ocupando o lugar “materno” e não “paterno”.

Corroborando com essa afirmação, Cardozo (2006; 2007,) a partir de sua pesquisa realizada com famílias de travestis e mulheres transexuais em Florianópolis/SC, demonstra que essas mulheres trans e travestis constroem suas relações de parentesco assumindo uma identidade feminina ocupando um lugar “materno” em vez de “paterno”. A autora argumenta que “[...] há uma operacionalização de uma duplicidade de gênero das travestis quando se tomam as nomeações, terminologias de parentesco e as atribuições que lhe cabem na economia familiar” (CARDOZO, 2007, p. 241). Por exemplo, algumas travestis que possuem filhos podem ser chamadas de tios/tias ou primas em vez de mães. Dessa forma, essas mulheres trans e travestis podem ocupar diferentes lugares nas relações de parentesco, negociando e atualizando contextualmente sua posição. Para Cardozo (2006; 2007), a identidade de gênero e a posição na estrutura de parentesco são performativizadas (BUTLER, 2015) e negociadas pelas travestis.

Seguindo na análise sobre mulheres trans e travestis, a pesquisa de Souza (2013) explora as concepções de paternidade entre mulheres trans e seus filhos biológicos no Canadá. Diferente do Brasil, as mulheres trans canadenses não desejam assumir o papel de mãe e continuam se identificando como pais, mesmo se autoidentificando enquanto mulheres. Nesse contexto, a transgeneridade é vista como uma escolha pessoal que não deve afetar a paternidade, enfatizando a primazia do referencial biológico nas relações de parentesco. Souza (2013) destaca a importância de refletir sobre como pais/mães trans e travestis negociam sua maternidade/paternidade considerando suas performatividades de gênero e posições nas relações parentais, tornando a existência discursiva das transparentalidades fundamental para demonstrar tais especificidades.



Outros pesquisadores têm recorrido ao termo “parentesco transviado” para enfatizar essas especificidades. Dias (2018), a partir de sua etnografia com pessoas Gunas que se reconhecem como *omeggid* (pessoas que são identificadas no nascimento como meninos, mas desenvolvem um pertencimento ao universo feminino), caracteriza o “parentesco transviado” como:

[...] uma maneira de tecer relações de mutualidade e produzir “modos de vida” a partir do idioma do parentesco, mas sem que haja adesão completa aos ideais de reprodução, monogamia, e transmissão de propriedade. Essa forma de parentesco deve ser entendida como um fenômeno concreto que esteve historicamente relacionado aos “transviados”, incluindo parcelas da população que hoje se reconhece por LGBT [...] trata-se [...] de considerar a criatividade ou competência social de atores concretos na produção de relações de intimidade que estão à margem dos processos institucionais de normalização ou subjetivação normalizante (DIAS, 2018, p. 46).

Assim, o presente artigo segue essa linha e busca compreender as questões parentais ligadas às transmasculinidades. Contudo, para analisar tais questões será demonstrado como os processos intersubjetivos de gênero são formados pela relacionalidade, ou seja, como o parentesco é uma via importante pela qual as pessoas se reconhecem e se relacionam com os outros enquanto sujeitos generificados.

Nas pesquisas que focam nos homens trans e pessoas transmasculinas, a questão da reprodução e da gravidez emerge como um dos temas centrais aliado ao parentesco. No Brasil, as pesquisas sobre transmasculinidades têm abordado a construção da identidade masculina, o acesso à saúde e a organização política<sup>13</sup>, mas pouco têm explorado a questão do parentesco e da gestação. Em uma recente revisão bibliográfica sobre o tema, Pinho, Rodrigues e Nogueira (2020) destacam que embora a gravidez de homens trans seja uma realidade, é pouco abordada na literatura científica o que contribui para a invisibilidade dessa população, principalmente no âmbito da saúde.

---

<sup>13</sup> A exemplo das pesquisas de Almeida (2012), Ávila (2014), Rego (2015), Oliveira (2015), Silva (2017), Vieira e Porto (2019).

Por sua vez, Hérault (2011) apresenta a vivência de Thomas Beatie, um homem trans norte-americano, que gestou seus filhos em solidariedade a sua esposa, trazendo à tona a relação entre parentesco, gravidez e transgeneridade. Esse caso ganhou destaque na mídia internacional, pois Thomas afirmava que seria o pai da criança e sua companheira seria a mãe. Hérault (2011) mostra que a gravidez em corpos transmasculinos pode ser comumente vista como incompatível com a identidade masculina. No entanto, para Thomas, sua gravidez não significou ser "menos homem", mas sim como uma possibilidade de existência para que ele pudesse se tornar um pai. Ele utilizou o potencial de seu corpo para tecer relações de gênero e de parentesco, mostrando que a transição de gênero e o útero podem ser úteis para transformar um homem em pai.

Assim, com base nessa literatura e levando em consideração que os homens trans e pessoas transmasculinas podem gestar seus filhos e filhas, neste artigo será analisado as questões relativas a reprodução e parentesco, tendo como perspectiva que a gravidez em um corpo transmasculino não significa uma aproximação direta com a feminilidade, mas que ao engravidarem (antes ou depois da transição de gênero) essas pessoas continuam se identificando com as masculinidades (HÉRAULT, 2011; PEÇANHA, 2015; PEREIRA, 2021; MONTEIRO, 2018; 2021)<sup>14</sup>. Deste modo, as discussões levantadas até aqui serão articuladas ao caso etnográfico que será descrito de forma mais detalhada a seguir.

---

<sup>14</sup> Parte da literatura sobre transmasculinidades e gestação enfatiza a necessidade dos serviços de saúde no Brasil atenderem as especificidades que um corpo trans grávido exige (PEÇANHA, 2015). Outras pesquisas nessa temática debruçam-se sobre os direitos reprodutivos dessa população (BARBOZA, 2012; ANGONESE, 2016).

### **Transicionar junto: relacionalidade como constitutiva da intersubjetividade**

Para entender as dinâmicas que levaram Tiago a escolher seu pai como doador para a inseminação caseira, será preciso rever sua trajetória de vida. Tiago é o mais novo de quatro filhos, e o único filho adotivo. Sua mãe havia perdido uma filha, que faleceu ainda muito nova, e seu pai resolveu “*pegar uma criança para criar*”, assim ele foi adotado ainda bebê. Contudo, sua mãe não o tratava bem, por perceber que ele jamais iria substituir o lugar da filha que ela havia perdido. Segundo Tiago, ela o tratava com arrogância ao dizer que ele “*não era seu filho de sangue*”. Tiago considera essa relação com a mãe e outros parentes como ruim, pois é atravessada, além da adoção, por questões raciais. Um exemplo disso é o momento que Tiago descobriu que era filho adotivo. Ele tinha oito anos de idade e foi por meio de uma conversa com sua avó:

A primeira vez que me falaram foi minha avó, né, minha avó era racista. Porque assim, o único negro da família sou eu, aí ela falou assim pra mim:

- Eu não gostava de você, quando seu pai te pegou para criar, eu achei aquilo um absurdo, eu via no cantinho da sua unha que você iria virar uma neguinha.
- Como assim, eu não entendi.
- Você não sabe que você é filho adotivo?
- Não, eu sou filho do meu pai e da minha mãe.
- Não, você é adotado.

Tiago ficou confuso com o que ouviu e perguntou ao pai sobre isso, mas ele disse que não era o momento certo para falar do assunto. Só quando Tiago completou doze anos, que sua mãe finalmente lhe contou sobre sua adoção, mas ele já sabia da verdade e apenas relacionou o tratamento diferente que ela tem com ele a esse fato, além do fato de ser negro. Assim, a raça também é um elemento que atravessa essas relações familiares, além da adoção e da transgeneridade, tornando-as ainda mais complexas. A distância geográfica também aparece como um fator que dificulta ainda mais essa relação. Atualmente Tiago mora longe da mãe que reside na cidade de

Juazeiro/BA. Além da mãe, Tiago não tem muita proximidade com seus três irmãos, apesar de não terem perdido o contato. A distância geográfica e o tempo que eles levam separados afetam a constituição da relacionalidade.

Embora tenha essa relação ruim com a mãe, o pai de Tiago foi uma figura importante em sua vida, sendo mais amoroso e cuidadoso, que mesmo separado da esposa, continuou a viver com ela e a cuidar dos filhos. Tiago diz que o pai “*foi a mãe e o pai que precisava ter*”. A relação de Tiago com o pai foi se tornando mais próxima ao longo dos anos. Dois momentos marcam esse percurso. Primeiro foi o apoio e o suporte que seu pai deu no processo de transição de gênero. Tiago conta que descobriu sua identidade como homem trans a partir de uma cena da novela “A Força do Querer”<sup>15</sup>, em que o personagem transmasculino Ivan ao se olhar no espelho sente repulsa pelos seios. Seu pai percebeu sua reação à cena e perguntou se ele era um homem trans. Tiago descreve como ocorreu a conversa entre eles:

E aí meu pai parou e falou assim pra mim:

- Tu é isso?

- Isso o que, painho?

- Tu é um homem trans?

- Por quê?

- Porque você não gosta do seu corpo, você tem dificuldade de se aceitar como é e também pelo fato de você gostar de mulher.

- Não sei.

- Se você tivesse a oportunidade de ser um homem, você seria?

- Lógico! Sem sombras de dúvidas!

- Então, você é isso.

Porque quem me descobriu na verdade foi meu pai, né, foi ele que me ajudou.

Na época Tiago não sabia que existiam homens trans e para ele se vestir como homem significava ser *travestido* ou apenas uma lésbica masculinizada. Ele tinha

---

<sup>15</sup> “A Força do Querer” foi uma telenovela produzida pela TV Globo e exibida no Brasil em 2017. A trama dessa novela contou com a presença de um personagem transmasculino chamado Ivan. Fato que na época gerou bastante mobilização social e midiática, pois a presença de homens trans na cena pública brasileira ainda era escasso.

vontade de não ter seios e de que pudesse crescer a barba, mas não tinha noção de como isso seria possível. Foi a partir dessa conversa com seu pai que ele começou a entender sua identidade de gênero.

Depois desse momento, Tiago começou a pesquisar mais sobre o assunto e a aprender sobre as transmasculinidades. A primeira coisa que ele fez foi adotar seu nome social, que seu pai o ajudou a escolher. Assim, o pai de Tiago possui uma participação ativa no seu processo de transição de gênero, colaborando com momentos importantes, como descreve Tiago:

Ele que me levou para cortar a primeira vez o cabelo, ele que escolheu o corte [masculino]. Foi mais tranquilo, sabe. Ele foi bem... como é que eu posso dizer assim... foi o mais tranquilo a qualquer assunto, porque ele entendia mais do que eu. Eu conversava com ele e ele achava supernormal, beleza. Até que um dia ele chegou para mim e disse: “você é o meu filho homem”. Aí eu falei assim: é realmente, eu tenho o melhor pai do mundo.

A participação dos parentes no processo de transição de gênero é um aspecto que tenho explorado em trabalhos anteriores (MONTEIRO, 2018). Durante essas observações, constatei que assim como Tiago, outros homens trans também precisaram lidar com a transição e a relação com os parentes. Eles descreveram esse processo como *transicionar junto* que envolve um rearranjo e uma negociação das relações a partir do momento em que a transição de gênero se torna pública. Desse modo, assumir uma nova identidade de gênero e viver como uma pessoa trans tem efeitos profundos nas relações com os outros, especialmente aquelas que são consideradas como membros da família ou como parentes. Os processos corporais<sup>16</sup> que são derivados da transição de gênero estão intrinsecamente ligados às relações com os outros (MONTEIRO, 2018). Essa interação não se limita apenas às experiências trans, mas vale ressaltar que a

---

<sup>16</sup> No caso das transmasculinidades essas transformações corporais podem envolver o uso de fármacos à base de testosterona, uso do binder (colete ou faixa feito de tecido elástico que comprime e esconde o tamanho dos seios), packer (próteses penianas que podem ser fabricadas em vários tamanhos, estilos, materiais e servem para fazer volume na roupa, para urinar em pé e para ter relações sexuais), loções para crescer a barba e o bigode.

transgeneridade não é um processo somente individual, subjetivo e egocêntrico (HERAULT, 2016). *Transicionar junto* significa atribuir um novo sentido ao corpo, o que pode impactar outras pessoas e gerar aproximações ou tensões nas relações de parentesco (MONTEIRO, 2018).

No caso de Tiago, ele estava dando os primeiros passos nas mudanças corporais, ainda não fazia uso de fármacos à base de testosterona<sup>17</sup> e nem tinha realizado a mastectomia ou mamoplastia masculinizadora<sup>18</sup>, intervenções que ele deseja alcançar futuramente. Contudo, um dos passos mais importante em sua transição de gênero ele havia decidido com base na sua relação com o pai: a autoidentificação com o gênero masculino. Assim, o apoio e o cuidado que seu pai teve com ele desde a infância, se atualiza ao longo do tempo, tornando a relação entre eles mais próxima, na medida em que o pai contribui ativamente no processo de transição. Isso se enquadra no que Janet Carsten (2019) caracteriza como “processos de “espessamento” ou “estreitamento” da relacionalidade” (CARSTEN, 2019, p. 136, tradução nossa)<sup>19</sup>, ou seja, a forma como o parentesco se acumula ou se dissolve ao longo do tempo. Esses processos relacionais temporais são mais perceptíveis através de “vetores” que transmitem as qualidades e os atributos do parentesco. Esses vetores possuem diferentes aspectos e podem ser, dentre outras coisas, as memórias e as emoções (CARSTEN, 2019). No caso de Tiago, as memórias que ele tem do pai nesses momentos de apoio e comprometimento são peças importantes que compõe a sua intersubjetividade enquanto homem trans.

---

<sup>17</sup> É comum entre os homens trans a utilização de diferentes fármacos à base de testosterona (por exemplo, Deposteron®, Durateston®, Androgel® e Nebido®). Através do uso contínuo desses hormônios, eles vivenciam mudanças significativas em seus corpos, como, por exemplo, o crescimento de pelos no rosto, formando a barba e o bigode; mudança no timbre da voz, tornando-a mais grave; aumento da força muscular; aumento da libido sexual; mudanças no cheiro e espessura dos fluidos corporais e a interrupção da menstruação.

<sup>18</sup> Alguns homens trans e pessoas transmasculinas realizam essa cirurgia plástica com o intuito de masculinizar o tórax a partir da retirada dos seios.

<sup>19</sup> “processes of “thickening” or “thinning” of relatedness.” (CARSTEN, 2019, p. 136).

As memórias e as lembranças são trazidas aqui de uma forma encarnada, ou seja, elas compõem materialmente e subjetivamente a pessoa que Tiago é, e isso está imbricado na relacionalidade, uma vez que as memórias do passado que foi vivido com o pai, compõe quem Tiago é hoje e serve de parâmetro para suas relações no presente e no futuro. Essa imbricação entre personalidade, gênero e relacionalidade se aproxima das críticas feitas por Strather (2006) à noção *ocidental* de indivíduo<sup>20</sup>. Em sua etnografia na Melanésia, Strathern desenvolve a noção de *dividuo*. Segundo a autora, entre os Hagen não há presente a dicotomia indivíduo/sociedade, que é uma visão ocidental que qualifica a sociedade como uma coletividade que possui uma força ordenadora que conecta indivíduos entre si. Por outro lado, “as pessoas melanésias são concebidas tanto *dividual* como individualmente. Elas contêm dentro de si uma socialidade generalizada” (STRATHERN, 2006, p. 40), ou seja, as pessoas possuem dentro de si as relações e comportam múltiplas identidades que podem ser ativas a partir da ação.

Embora, a noção de *dividuo* se refira a um contexto etnográfico específico, ela não se limita a Melanésia. As pessoas são formadas por suas relações e são essas relações que as tornam inteligíveis dentro da relacionalidade e as compõe materialmente. No caso de Tiago, seu corpo, sua subjetividade e seu gênero são formados pela relação que ele estabeleceu com seu pai e outros parentes ao longo do tempo. Dessa forma, o parentesco e a relacionalidade são fundamentais para a formação e a experiência que as pessoas têm de si mesmas e dos outros como sujeitos de gênero (CRUZ, 2023 - no prelo).

---

<sup>20</sup> O principal argumento levantado e sustentado por Strathern (2006) está na crítica feita as teorias predominantes que se baseavam numa ideia de sociedade formado por indivíduos que seriam unidades biológicas que requerem socialização (submissão às normas e aos valores sociais). As relações sociais foram interpretadas como relações que se passam entre essas unidades que podem ser individuais (indivíduos biológicos) ou coletivas (grupos e instituições).

### **Trajatória de um homem trans na construção de parentalidades**

Outro evento que marca o estreitamento da relacionalidade ocorre quando o pai concorda em ser o doador para que Tiago possa concretizar seu projeto parental com suas parceiras cisgêneras. Durante as nossas conversas, Tiago me contou que mesmo tendo uma filha de um relacionamento anterior, ele desejava ter outro filho, dessa vez planejado. Contudo, ele estava em um relacionamento com uma mulher cisgênera, Lúcia, sua ex-esposa. Segundo Tiago, Lúcia também desejava ter um filho, mas ela queria gestar o bebê. Diante da vontade de constituir uma família, eles começaram a buscar formas em que ela pudesse engravidar. Eles pesquisaram algumas clínicas particulares de reprodução assistida, mas os preços para realizar esse procedimento eram absurdamente caros e eles não tinham condições de arcar com os custos. Essa falta de acesso financeiro demonstra o que outras pesquisas já revelaram, que no Brasil há uma “desigualdade no acesso às tecnologias reprodutivas no contexto clínico e social” (FELIPE; TAMANINI, 2021, p. 196). Embora esse não seja o único elemento que pese na escolha pelo método de reprodução assistida, ele é um dos mais importantes (FELIPE; TAMANINI, 2021).

Durante essas buscas, Tiago encontrou na inseminação caseira a possibilidade de concretizar o seu projeto parental, pois essa técnica envolve um baixo custo. Assim, ele conversou com Lúcia e juntos decidiram que o pai de Tiago poderia ser o doador do sêmen. Lúcia engravidou utilizando esse método, mas quando se separaram, ela decidiu que não queria criar um filho sozinha, o que ocasionou na interrupção da gestação. Tiago acha que foi um aborto provocado. Depois de um período, ele conheceu Mariana, sua atual esposa, e começaram a construir um relacionamento juntos. Em pouco tempo Mariana passou a morar na casa de Tiago, que até então morava sozinho. Diante dessa nova parceira, Tiago conversa com ela sobre suas tentativas anteriores de ter um filho e como ele tinha tentado com seu pai como doador. Mariana concorda com a proposta e



então decidem tentar também. No entanto, antes que esse plano pudesse ser concretizado, o pai de Tiago tem um Acidente Vascular Cerebral (AVC) de forma repentina e acaba falecendo.

Quando questionado sobre o motivo de escolher seu pai como doador Tiago escreveu no WhatsApp:

Eu escolhi meu pai pra ser o doador, primeiro porque eu não confiava em ter um doador de fora, por não saber da índole da pessoa e por medo, iríamos fazer inseminação caseira, então eu imaginei que poderíamos está correndo perigo devido a existência de pessoas que usa a internet para fazer o mal [...].

Tiago, continua me explicando o porquê preferiu que fosse o seu pai o doador. A sua explicação girou em torno do que poderia ser transmitido através *do sêmen, do sangue ou da genética*. Ele estava particularmente preocupado com a possibilidade de que seu futuro filho pudesse herdar traços indesejáveis de um doador desconhecido, como um *mau gênio* ou uma *índole ruim*. Ele explica, de forma detalhada, que cresceu ouvindo de parentes e vizinho que as crianças “*puxam o gênio do pai ou da mãe*” e que, embora, possam receber uma boa educação ao longo da vida, se o “*gênio for muito forte*” ele não pode ser moldado. Nas palavras de Tiago:

Mas o que pesou mais foi essa questão da genética mesmo, né, do gênio mesmo, do sangue. O que me deixou mais aflito de ter outra pessoa como doador, porque [...] eu cresci ouvindo isso: “ah, puxou o gênio do pai. Ah, puxou o gênio da mãe”. Então, foi a criação que eu tive, então eu pensei assim: se a gente escolhe um doador e a gente não sabe da índole dessa pessoa, né, e aí meu filho acaba puxando essa índole má, sabe, esse gênio ruim, como é que a gente vai fazer para poder lidar? Porque a gente vai se esforça e vai dar aquela educação a melhor possível, mas quando acaba puxando para um gênio que não é tão favorável, assim o gênio acaba sendo forte, sabe [...]. Então, para a minha família o que vem com a genética não é só a aparência, a forma física, acaba puxando também o jeito de ser, sabe, aquele gênio acaba vindo também. Então, como eu cresci com isso, eu achei que meu pai seria um ótimo doador.

Desse modo, ele esperava que através do sêmen doado fosse transmito, aspectos ligados a *índole* ou *caráter* de uma pessoa:

Mas a escolha de meu filho herdar alguma coisa, que fosse o caráter dele [do pai], a honestidade, a forma que ele era como homem. Por eu conhecer ele e saber da índole dele, eu acho que isso foi o que mais influenciou.

Tiago compartilha de uma noção de parentesco mais ampla em que através do *sangue* ou da *genética* são transmitidas determinadas qualidades do parentesco. Essas qualidades podem ser traços fenotípicos, como também traços psicológicos, descritos por ele como *índole*, *gênio* e *caráter*. A centralidade do sangue como um vetor de parentesco tem sido explorada na literatura antropológica demonstrando sua plasticidade e os vários significados que esse termo pode assumir em diferentes contextos culturais (CARSTEN, 2011; CARUSO, 2020). Schneider (2016), por exemplo, observou que, para os norte-americanos, o sangue é um símbolo importante que define uma pessoa como um parente. O sangue é representado como uma substância que se pode compartilhar o material biogenético. O autor argumenta que o sangue cria uma relação de identidade, uma vez que os norte-americanos dizem que as pessoas que são ligadas pelo sangue *puxam* algumas características de seus ascendentes como temperamento, hábitos ou fisionomia, assim confirmam a ideia de que compartilham uma identidade biológica comum. No caso aqui analisado, Tiago utiliza termos similares para justificar a sua decisão, esperando que seu filho *puxe* características comportamentais do seu pai, uma vez que iriam possuir uma identidade biológica comum através do *sangue*.

Ao narrar sua experiência, Tiago mobiliza estrategicamente o *biológico* ao escolher um parente como doador. Quando questionado se o fato de ser filho adotivo influenciou nessa escolha, ele responde dizendo que seria melhor, pois poderia compartilhar o mesmo *sangue* com o filho:

Eu e meu pai chegou até a conversar bastante, e ele até tinha comentado comigo que se ele fosse o meu pai, né, biológico seria perfeito, porque a criança carregaria o meu sangue também. Obvio automaticamente a criança

carregaria o meu sangue e teria o meu DNA, querendo ou não, mesmo que biologicamente como irmãos, né, porque assim seria biologicamente falando. Então, não iria interferir em nada não, tá. Eu acho que seria a mesma coisa, seria meu filho, lindo, perfeito do mesmo jeito.

Observa-se, portanto, que a relação de sangue é uma relação de substância, em que sua materialidade está ligada a noção de fluxo ou transferência que possui a capacidade de atravessar corpos, pessoas e temporalidades. Substância aqui é utilizada no mesmo sentido proposto por Carsten (2011; 2019), sendo um termo amplo e maleável, que possui distintos significados. Dentro do parentesco, substância pode significar substâncias corporais (fluidos sexuais, sangue, gametas); vetores materiais (casa, terrenos, comida, fotografias, genealogias, documentos) e vetores menos sólidos (memórias, emoções, espíritos). Aqui vemos que Tiago mobiliza diferentes substâncias - o sangue e o sêmen doado - para criar conexões, demonstrando como essas substâncias constitui e são constituídas pelo próprio parentesco ao longo do tempo. A partir dessas substâncias, Tiago também esperava transmitir a qualidade da relação que ele tinha com o pai:

[...] E o ponto mais importante é que eu e meu pai éramos muito ligados, ele se ofereceu [a ser o doador] e eu enxerguei nessa atitude dele que foi a forma que ele encontrou pra dizer que eu não estava sozinho, que ele estava comigo, na minha luta, que ele não só mim aceitava [como homem trans] mais também mim respeitava ao ponto de mim ajudar a construir minha família. [...] por isso eu quero ser para os meus filhos, o que meu pai foi na minha vida [...]. Eu acho que para o meu pai a gente estaria firmando ainda mais o nosso elo, a gente estaria ficando ainda mais próximo do que a gente era. Porque é um grau enorme de intimidade [...]. Então, eu acho que a gente iria acabar dando um passo no nosso convívio de pai e filho que seria, tipo, de outro mundo, sabe.

Nesse trecho, fica evidente como a inseminação caseira utilizando o sêmen de um parente se torna uma alternativa criativa que possibilita gerar filhos a partir das relações de apoio e ajuda mútua que envolve o próprio parentesco. Nesse contexto, o sêmen doado concretiza o modo como Tiago e seu pai têm construído suas relações ao

longo do tempo, destacando a qualidade desses laços afetivos. É justamente essa qualidade da relação que Tiago deseja transmitir para seus futuros filhos. Assim, o sêmen doado por um parente no contexto da inseminação caseira tem o potencial de criar relacionalidade, não somente por seu material biogenético, mas também pelas próprias relações que evoca. Uma vez que, essa doação representou para Tiago um estreitamento da relacionalidade.

Entretanto, o sonho de Tiago de ter um filho com sua parceira só foi possível de ser concretizado posteriormente. No momento em que Mariana aparece grávida de um rapaz cisgênero que não assume a paternidade, Tiago não hesita em assumir esse papel na vida de Miguel, no qual faz questão de ressaltar que tem um laço profundo de afeto e de cuidado: *“os primeiros meses dele todinho foi comigo. Ele dormia comigo, ele acordava comigo, se eu saia eu levava [...]”. Eu cheguei a catar latinha para montar o enxoval dele, consegui comprar as coisas dele, comprar bolsa maternidade, a saída...”*. Tiago participa ativamente da criação de Miguel, acompanhou toda a gestação, parto e puerpério. Quando questionado por uma vizinha se ele realmente é o pai de Miguel, Tiago reage de forma assertiva:

Eu falei assim: ele não precisa, geneticamente, né, para ser meu filho, ele é meu filho e pronto. Então, eu quero que todo mundo entenda, em geral, né, que para a gente ser pai, a gente não precisa, né, geneticamente, ser comprovado geneticamente a paternidade. Pai não é quem faz, pai é quem cria. E eu tive um pai, geneticamente o meu sangue não corria nas veias dele, mas ele me tratou mil vezes melhor do que ele tratava os filhos dele mesmo. Não há uma necessidade genética para você se sentir pai, eu sou o pai dele e pronto, não tem outra explicação.

Assim, assumir a paternidade nesse contexto significa dar existência a relação de forma voluntária, o que implica num investimento sentimental na constituição da relacionalidade, em que a filiação biológica se mostra menos relevante. Essa forma de estabelecer a filiação se aproxima dos modos de criação e consideração explorado na

literatura sobre parentesco e relacionalidade na Bahia (MARCELIN, 1999; MCCALLUM; BUSTAMANTE, 2012; PINA-CABRAL; SILVA, 2013). A partir dessas etnografias vemos emergir o princípio de parentesco da “consideração”, a partir das casas, do cuidado, da constituição da pessoa e das relações de gênero. O parentesco por consideração não tem a mesma confirmação material ou biológica das relações ditas de *sangue*, por isso envolve assumir uma relação que não existia anteriormente e que é validada constantemente através da atenção e do cuidado (PINA-CABRAL; SILVA, 2013).

Embora, Tiago não se coloque como “*pai de consideração*” e sempre enfatize que: “*eu sou pai de Miguel e ponto*”, ele explica seu vínculo com Miguel a partir daquilo que é central na relação de consideração: a criação. Assumir a paternidade de Miguel e considera-lo como filho é uma tarefa que envolve participação ativa, suporte emocional, afetivo e financeiro, mesmo morando em estados diferentes:

Eu vejo o Miguel como eu vejo Alice [filha], eu não vejo diferença para ambos, mesmo sabendo que Alice eu gerei, dei à luz e tal. E sabendo que Miguel, né, é um fruto de um relacionamento meu com Mariana. Então, eu sei a diferença, mas a diferença é tão mínima, é tão insignificante, sabe, porque Miguel ele não é meu filho biologicamente, em questão da genética, em questão do termo sanguíneo, porque em outro termo não há diferença [...]. Até aqui, mesmo distante [...] eu não sou ausente, eu marco meu território todo dia, eu converso sobre a vida escolar de Miguel, eu interfiro nas decisões, [...] nada que Mariana faça referente a vida de Miguel, ela faz só. [...] Todas as decisões que Mariana toma referente ao meu filho a gente senta e conversa.

De tal modo, a paternidade de Tiago e seus filhos se constitui a partir dos vínculos que são criados no dia-a-dia e atualizados ao longo do tempo. Como observado por McCallum e Rezende [s.d.] no contexto do Baixo-Sul da Bahia, a paternidade biológica perde sua força à medida que os laços de consideração não são sustentados e nem alimentados. Assumir um filho nesse contexto, implica muito mais do que o reconhecer do seu “*sangue*”, envolve a criação e a consideração (MCCALLUM;

REZENDE, s.d.). Dessa maneira, Tiago busca confirmar a sua paternidade com Miguel através desses laços de criação e consideração.

Outra questão importante presente na etnografia da Bahia, e que também atravessa a experiência de Tiago, é a emergência da casa como elemento fundamental para a relacionalidade. No seu trabalho pioneiro, realizado no Recôncavo da Bahia, Marcelin (1999) demonstra que as casas são pontos importantes que conectam as pessoas umas às outras. Nenhuma casa existe como uma entidade isolada voltada para si mesma, ela existe no contexto de uma rede de unidades domésticas em inter-relação com as outras casas formando, assim, uma configuração de casas. Essa configuração está inserida em na rede de parentesco de *sangue* e de consideração. Assim, considerar alguém um parente tem relação com a proximidade do convívio cotidiano dentro dessa configuração de casas (MARCELIN, 1999).

A casa de Tiago assume um papel central na constituição da relacionalidade uma vez que ao assumir a conjugalidade com Mariana e a paternidade de Miguel, ele oferece sua residência para que os dois possam morar juntos como forma de estreitamento dessas relações. Tiago conta que conquistou a sua casa própria quando tinha 19 anos, foi um presente que seu pai lhe deu quando ainda era vivo. A medida que o relacionamento entre Tiago e Mariana ia se tornando mais íntimo, ela passou a morar junto com ele. Tiago sempre enfatizou que por morarem juntos, Mariana tinha direitos sobre a propriedade, embora ele fosse o dono. No momento em que eles se separaram, Tiago ia ceder parte da casa para que ela não ficasse desamparada, mas Mariana não quis até que a gestação a fez mudar de ideia:

Eu sempre deixei bem claro assim: pelo tempo de convivência que a gente tem junto, você tem direito, na hora que você quiser dividir, a gente dividi, a gente vende, racha o dinheiro, ou se não, a gente dividi a casa no meio, faz duas entradas, você escolhe. Só que ela nunca quis [...]. Mas quando veio a gestação, ela foi meio que obrigada a aceitar, né.

Como observado na literatura sobre relacionalidade na Bahia, e na trajetória de Tiago, a geração de afinidade, conjugalidade e a geração de bebês acompanha a geração de casas (MCCALLUM; REZENDE, s.d.). Mariana passa a ter posse da casa no momento em que tem um filho junto com Tiago, ele explica: “*A partir de hoje a gente tem um filho junto, a partir de hoje esse teto aqui também é seu*”. Mesmo no momento em que Tiago se muda para São Paulo, Mariana continua morando nessa mesma casa. Embora, atualmente Mariana não resida mais lá, porque a casa não está em boas condições de moradia, precisando de reformas, pois foi alagada num período de grande chuva, a casa faz parte do que conecta Tiago à Mariana e aos seus filhos. Ele sempre deixa claro que: “[...] *a casa não é minha, a casa é de Miguel e de Alice. Alice está morando com minha mãe, então você mora com Miguel aí sem nenhum problema*”.

Ao enfatizar que a casa é dos dois filhos, Tiago está construindo sua paternidade a partir da conexão com a casa. A partir da trajetória de Tiago, percebe-se que a casa e a consideração emergem como elementos importantes na construção e manutenção da relacionalidade ao longo do tempo. Tais elementos possuem tanta relevância quanto as conexões de *sangue* ou *biológicas*. Nesse sentido, a paternidade não é dada, ela é construída e atualizada a medida que as pessoas fazem suas escolhas e contam umas com as outras nesse processo. Mesmo que a relação possua a confirmação biológica, como é o caso de Tiago com Alice, ela é produzida e mantida por meio desse processo.

Dessa forma, ao mesmo tempo que Tiago constrói a relação de pai com seu filho Miguel, ele faz o mesmo com sua filha Alice. Entretanto, a construção dessa paternidade é atravessada pela gestação, além da transição de gênero. O contexto que levou Tiago a engravidar perpassa um episódio de homofobia familiar (SCHULMAN, 2010). Quando era adolescente e ainda não tinha se autoidentificando como um homem trans, Tiago começou a namorar uma mulher cisgênera, configurando assim, em um relacionamento lésbico. Quando sua mãe descobriu esse namoro o expulsou de casa, pois não aceitava sua sexualidade. Sem saber para onde ir e sem contar com o apoio de

amigos ou parentes, ele decidiu que iria morar na casa da namorada. Porém, o relacionamento não durou muito tempo e Tiago ficou novamente sem residência. Nesse período, ele conheceu o pai cisgênero de sua filha e decidiu ir morar com ele, mais por necessidade de ter um lugar para ficar do que por amor. Enquanto estavam juntos, eles decidiram que queriam tentar ter um filho, esse era um desejo de Tiago. Contudo, ao conversar com sua avó, ela o aconselhou a não ter um filho tão jovem, o que fez com que ele mudasse de ideia. Assim, Tiago se reconciliou com os pais e voltou para casa. Nesse momento, ele não sabia que estava grávido e só descobriu quando já estava com cinco meses de gestação. A relação de Tiago com o pai cisgênero de Alice, não foi muito boa. Ao descobrir a gravidez eles tentaram criar o bebê juntos, mas logo Tiago percebeu que não tinha mais motivo para manter um relacionamento com ele, já que seu objetivo de ter um filho tinha sido alcançado. Assim, Tiago passou a assumir a responsabilidade pela criança e cuidava dela sem a participação do pai cisgênero. Atualmente, Tiago conta com a ajuda da mãe para criar a filha.

Ao narrar sobre essa trama que resultou no nascimento da filha, Tiago explicava, também, como ele tem conciliado o fato de ser um homem trans e ter engravidado. Essa mesma questão tinha sido levantada em uma pesquisa anterior em que foi analisada as experiências e as vivências de homens trans que engravidaram (MONTEIRO, 2018; 2021). Ao ser indagado sobre o modo como vinha lidando com a transição e o fato de ter gestado, Tiago diz que inicialmente se questionava em como poderia ser um homem trans mesmo tendo dado à luz a uma criança:

A minha primeira pergunta era: como é que eu posso, né, ser um homem trans se eu dei à luz a uma criança? Eu tinha esse tabu comigo. Mas depois eu fui abrindo o leque, assim aos poucos, eu fui vendo documentários, pesquisando mais sobre o assunto. Mas para mim era um pouco complicado, tanto que eu desisti várias vezes de fazer o tratamento, eu desisti até mesmo da mudança do nome por causa disso, porque eu não queria confundir a mente da minha filha.



Essa afirmação confirma o que foi observado anteriormente: a gravidez em pessoas transmasculinas torna mais complexas as fronteiras entre feminilidade (representada pela gravidez) e masculinidade (representada pelo desejo de ser um homem, mesmo tendo gestado). Isso também afeta as concepções de paternidade e maternidade, na medida em que os processos de masculinização são mantidos ao lado do processo reprodutivo. Portanto, mesmo que esses homens trans não se identifiquem como homens no momento da gravidez, essa experiência é incorporada como parte significativa na construção intersubjetiva de suas masculinidades (MONTEIRO, 2018).

No caso de Tiago, ele precisou lidar com isso junto com a filha, negociando com ela sua posição de “mãe”, sua identificação enquanto homem e o desejo de ser reconhecido enquanto “pai”. Ele descreve em detalhes como foi seu diálogo com Alice no momento em que ela o questiona sobre o porquê ele estava vestindo roupas masculinas:

Aí eu fui e expliquei a ela. Aí eu coloquei uma explicação mais óbvia, né, foi a parte da novela, que foi como eu me descobri [...]. Aí ela:

- Ah, então agora é Tiago?

- É, algum problema?

- Não, porque a senhora não vai deixar de ser minha mãe, né?

- Não.

Aí depois ela parou assim:

- Mas homem tem barba, [...] você vai ter barba?

- Vou.

- Então, quando a senhora tiver barba eu te chamo de pai.

Para mim essa situação com os meus filhos está bem resolvida, mas como ela falou, ela precisa ver para ela poder me chamar, para ela poder me tratar como tal. Para ela pra mim ser pai eu tenho que ter barba. Aí, eu acho que depois que a barba crescer, melhor, né.

Apesar de Tiago ter relatado que a conversa sobre sua transição de gênero com a filha foi tranquila, ele tinha preocupações em relação ao fato dela o chamar de mãe, ao mesmo tempo em que buscava construir uma relação de pai com Miguel. Ele acreditava que isso poderia causar confusão para um bebê tão pequeno. Assim, ele reconhece que a questão da paternidade após a maternidade foi o desafio mais difícil que precisou lidar

em seu processo de transição: *“Hoje ela [a filha] já aceita de boa, então hoje para mim está mais tranquilo, mas o meu maior empecilho antes era ela. Antes era a maternidade, agora a paternidade é o mais difícil”*. No momento em que conversávamos eu lembrei a Tiago que eu havia percebido que Miguel o chamava de *papa*. Ele complementa dizendo que isso se deve ao fato de que Alice já reconhece que ele é o pai de Miguel, mesmo que ela ainda o chame de mãe em algumas situações: *“Quando o meu filho quer alguma coisa, ela [a filha] fala assim: “ah, vá pedir a seu pai”*. Então, tipo assim, ela já reconhece que eu sou o pai de Miguel”. Portanto, as vivências e experiências enquanto homem trans que gestou antes da transição e que admitiu a paternidade de um filho pós transição, demonstra que assumir uma forma diferente de ser e estar no mundo a partir da transmasculinidade acarreta tensões e negociações.

### **Considerações finais**

A transição de gênero, acarreta também em uma transição de parentesco, ou seja, as múltiplas temporalidades que são evocadas no processo de transição, são acompanhadas pelas relações. O tempo que leva a transição de gênero, sobretudo o tempo para realizar as mudanças corporais desejadas, segue também a transição de mãe para pai, como elucidado pelo caso de Tiago. Identificar-se como homem e, ao mesmo tempo, manter as relações de parentesco e a reprodução não é uma tarefa fácil de conciliar, embora permita recriar conexões que não eram possíveis de serem feitas anteriormente. Assim, enfatizamos a importância de considerar os processos e as temporalidades na análise das relações de parentesco.

Os estudos sobre transgeneridades no Brasil têm demonstrado que a transição é um processo contínuo não linear, que não possui um fim definido (ALMEIDA, 2012; ÁVILA, 2014; MONTEIRO, 2018). Do mesmo modo, a relacionalidade é

constantemente criada e atualizada conforme as pessoas se constituem mutuamente ao longo do tempo. Em outros contextos, como no exemplo canadense (SOUZA, 2013), demonstrado anteriormente, vimos que a transição de gênero não acarreta numa transição de parentesco. Isso evidencia como gênero e parentesco podem ser articulados de maneira distinta pelas pessoas trans.

Em conclusão, podemos afirmar que a análise realizada neste artigo demonstrou como as relações, incluindo as que são identificadas como *biológicas* ou de *sangue*, estão sempre sendo criadas e recriadas. A partir da trajetória parental de Tiago, observamos como a inseminação caseira utilizando o sêmen de um parente se torna uma alternativa criativa que possibilita gerar filhos a partir das próprias relações. Nesse contexto, o sêmen doado concretiza as relações afetivas construídas ao longo do tempo, destacando a qualidade desses laços. Outros elementos se somam a essa complexidade de relações, como a casa, o cuidado com os filhos e a gravidez. Esses elementos são fundamentais na constituição da relacionalidade. Certamente, a história de Tiago pode ser representativa do modo como muitos homens trans brasileiros acham soluções para lidar com a transição de gênero e o parentesco, negociando e criando diferentes possibilidades de relações.

### Referências

- ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 513-523, ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012>. Acesso em: 02 mar. 2023.
- ANGONESE, Mônica. **Um pai trans, uma mãe trans: direitos, saúde reprodutiva e parentalidades para a população de travestis e transexuais**. 2016. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/168249/340498.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 fev. 2019.
- ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades: A emergência de novas identidades**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.
- BAMFORD, Sandra. Introduction: Conceiving Kinship in the Twenty-First Century. In: BAMFORD, Sandra (ed.). **The Cambridge Handbook of Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 1-34.

- BARBOZA, Heloisa Helena. Proteção da autonomia reprodutiva dos transexuais. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 549-558, ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/Z5FhVDZ7pNBbY3ZKkWVx6Jq/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CARDOZO, Fernanda. Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 233-252.
- CARDOZO, Fernanda. Sobre afetividades e crianças: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC. **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 27, p.1-9, dez. 2006. Disponível em: <http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?inoid=2669&sid=10>. Acesso em: 01 mar. 2023.
- CARSTEN, Janet. **Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship**. UK: Cambridge University Press, 2000.
- CARSTEN, Janet. **After Kinship**. Cambridge: Cambridge, 2004.
- CARSTEN, Janet. **Substance and Relatedness: blood in contexts**. *Annual Review of Anthropology*, v. 40, n. 1, p. 19-35, 21 out. 2011.
- CARSTEN, Janet. The Stuff of Kinship. In: BAMFORD, Sandra (ed.). **The Cambridge Handbook of Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 133-150.
- CARUSO, Juliana P. Lima. Sangue e suas partículas: sobre a não homogeneidade fluídica do sangue no parentesco. **Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, [S.L.], v. 7, n. 14, p. 37-54, 22 dez. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/9795>. Acesso em: 06 mar. 2023.
- CRUZ, Resto. Kinship and Relatedness as Vital Lens. In: MCCALLUM, Cecilia; FOTTA, Martin; POSOCCO, Silva (eds.). **The Cambridge Handbook of the Anthropology of Gender and Sexuality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023 - no prelo.
- DIAS, Diego Madi. O parentesco transviado, exemplo guna (Panamá). **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, [s.l.], v. 1, n. 29, p. 25-51, ago. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1984-64872018000200025&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1984-64872018000200025&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 13 out. 2019.
- FELIPE, Mariana G.; TAMANINI, Marlene. Inseminação caseira como possibilidade de lesboparentalidades no Brasil. **Revista Encuentros Latinoamericanos**, Uruguai, v. 5, n. 2, p. 180-201, dez. 2021. Disponível em: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/enclat/article/view/1435/1673>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- FONSECA, Claudia. Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cadernos Pagu**, [S.L.], n. 29, p. 9-35, dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/HGmvJqhKdZ5HKywG5VCfRNv/?lang=pt>. Acesso em: 02 maio 2023.
- FONSECA, Claudia. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a “transpolinização” entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p.05-31, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15356>. Acesso em: 15 maio. 2023.
- FRANKLIN, Sarah. The Anthropology of Biology: A Lesson from the New Kinship Studies. In: BAMFORD, Sandra (ed.). **The Cambridge Handbook of Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 107-132.
- GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no brasil. **Cadernos Pagu**, [S.L.], n. 21, p. 261-280, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/DthHfWHWWQyxp4kPVKDqSzy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 maio 2023.

- HÉRAULT, Laurence. Le mari enceint: construction familiale et disposition corporelle. **Critique**: Centre National des Lettres, França, n. 764-765, p.48-60, 2011.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: Conceitos e termos. Brasília: E-book, 2012. Disponível em: <https://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2023.
- MARCELIN, Louis HERNES. A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano. **Mana**, [S.L.], v. 5, n. 2, p. 31-60, out. 1999. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/26369179\\_A\\_Linguagem\\_da\\_Casa\\_Entre\\_os\\_Negros\\_no\\_Reconcavo\\_Baiano](https://www.researchgate.net/publication/26369179_A_Linguagem_da_Casa_Entre_os_Negros_no_Reconcavo_Baiano). Acesso em: 05 maio 2023.
- MCCALLUM, Cecília; BUSTAMANTE, Vania. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. **Etnográfica**, [S.L.], n. 162, p. 221-246, 1 jun. 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/1476>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- MCCALLUM, Cecília; REZENDE, Patrícia. **A Geração de Casas e Crianças na Bahia**: Paternidade e Relacionalidade no Baixo-Sul. [S.L.], [S.D.].
- MONTEIRO, Anne Alencar. **Homens que engravidam**: um estudo etnográfico sobre parentalidades trans e reprodução. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- MONTEIRO, Anne Alencar. O nome dele é Gustavo, e ele é a minha mãe: reprodução e parentesco entre homens trans que engravidaram. **[Syn]Thesis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 28-39, maio 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/synthesis/article/view/64351/40545>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- OLIVEIRA, André L. G. **“Somos quem podemos ser”**: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Ressignificar e empoderar o corpo: Homem trans grávido e os desafios da adequação. In: Seminário Internacional Desfazendo o Gênero, 2., 2015, Salvador. **Anais**. Salvador: UFBA, 2015. p. 1 - 5.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**, [S.L.], n. 2, p. 01-12, 1 fev. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- PEREIRA, Pamella Liz Nunes. **De barba e barrigão**: histórias de gestação e parentalidade de homens trans. 2021. 158 f. Tese (Doutorado) - Curso de Saúde Coletiva, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/56430/pamela\\_pereira\\_iff\\_dout\\_2021.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/56430/pamela_pereira_iff_dout_2021.pdf?sequence=2&isAllowed=y). Acesso em: 23 ago. 2022.
- PINA-CABRAL, João de; SILVA, Vanda Aparecida da. **Gente Livre**: consideração e pessoa no Baixo-Sul da Bahia. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.
- PINHO, Ana R.; RODRIGUES, Liliana; NOGUEIRA, Conceição. (Des)Construção da parentalidade trans: homens que engravidam. **Ex Aequo**: Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, [S.L.], v. 1, n. 41, p. 195-205, 15 jun. 2020. Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres - APEM. Disponível em: <https://exaequo.apem-estudos.org/files/2020-08/14.homens-que-engravidam.pdf>. Acesso em: 03 maio 2023.
- PISCITELLI, Adriana. Nas Fronteiras do Natural: Gênero e Parentesco. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p.1-18, jun. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12010>. Acesso em: 03 maio 2023.
- REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do. **Viver e esperar viver**: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans. 2015. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- SCHNEIDER, David. **Parentesco Americano**: uma exposição cultural. Petrópolis: Vozes, 2016.
- SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas**, Natal, v. 1, n. 5, p.67-78, 2010.

SILVA, Diogo Sousa. “**Existe uma barreira que faz com que as pessoas trans não cheguem lá**”: itinerários terapêuticos, necessidades e demandas de saúde de homens trans no município de Salvador – BA. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SOUZA, Érica Renata de. Papai é homem ou mulher? Questões sobre a parentalidade transgênero no Canadá e a homoparentalidade no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 56, n. 2, p.397-430, set. 2013.

TARNOVSKI, Flávio Luiz. “**Pais assumidos**”: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo. 2002. 114 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2002.

VIEIRA, Cleiton; PORTO, Rozeli Maria. “Fazer emergir o masculino”: noções de “terapia” e patologização na hormonização de homens trans. **Cadernos Pagu**, [S.L.], v. 1, n. 55, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/F8PLQzpRWnMy7DHdMz53JbB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 abr. 2023.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p.123-147, jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/tBBwkgGRBqtVGmJV7zFMXLK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 abr. 2023.

### **Trans paternity: An ethnographic analysis of the parenting experiences of a trans man in Salvador, Bahia**

**Abstract:** This article presents transmasculine paternity from the analysis of the case of Tiago, a trans man, and his family in the city of Salvador, Bahia, from the anthropological notion of relatedness. The work focuses on the construction of kinship relationships as procedural, emerging during Tiago's biographical trajectory in which the gender transition occurs. For this, it examines how the meanings of fatherhood and motherhood are negotiated from a pregnancy prior to the gender transition; the processes that involve choosing a relative as a donor to perform home insemination; and the construction of parental relationships outside the “biological” terrain. The analysis highlights the nuances of fatherhood experiences lived by Tiago and his family over time, including the challenges and strategies adopted to face them in a context of gender transition. Thus, relationships, whether “biological” or not, are always being created and are not given a priori, and Tiago's case is an example of this.

**Keywords:** Trans parenting. Trans man. Kinship. Anthropology.

**Recebido: 22/05/2023**

**Aceito: 03/07/2023**